

SIRINELLI, Jean-François. **Abrir a História: novos olhares sobre o século XX francês: Um Ensaio.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

## **O político e o cultural: desafios do Tempo Presente segundo Jean-François Sirinelli**

### **The political and cultural: challenges of the present time according to Jean-François Sirinelli**

Isadora Muniz Vieira<sup>1</sup>

Nascido em 11 de junho de 1949, o historiador parisiense Jean-François Sirinelli é um dos grandes nomes da historiografia francesa atual e possui relevantes obras que dizem respeito ao Tempo Presente e à sociabilidade intelectual. Além disso, dirige o Centro de História do Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences-Po) e preside o Comitê Científico de História da Unesco. Teve como professor e orientador o historiador René Rémond<sup>2</sup>, fato que parece ter sido fundamental na sua produção historiográfica principalmente em suas obras do ponto de vista teórico.

Ao discutir a história cultural do político, Sirinelli faz afirmações que geram, no mínimo, um certo incômodo aos âmbitos militantes, que segundo o historiador muitas vezes acabam tendo discursos maniqueístas. Ele próprio, em uma entrevista concedida à Revista de História, quando foi perguntado se era possível fazer uma história militante, respondeu que “Um historiador pode ter convicções, mas precisa escapar de simplificações.”

Simplificações não existem no seu livro *Abrir a História: novos olhares sobre o século XX francês*. Nesta obra, composta por uma introdução e sete breves capítulos, Sirinelli faz uma análise complexa, porém de fácil entendimento, sobre a sociedade francesa contemporânea,

---

<sup>1</sup> Acadêmica da quinta fase do curso de graduação em História – licenciatura – da FAED, UDESC. Bolsista PIBIC/CNPq no Laboratório de Patrimônio Cultural – LABPAC. E-mail: [isadoramunizvieira@gmail.com](mailto:isadoramunizvieira@gmail.com). Orientadora Professora Doutora Maria Teresa Santos Cunha.

<sup>2</sup> René Rémond (Lons-le-Saunier, 30 de setembro de 1918 – Paris, 14 de Abril de 2007) foi um historiador francês, especialista em economia política.

sempre levando em conta que a história cultural do político está diretamente relacionada aos sujeitos agentes e pensantes, sujeitos que, segundo o autor, foram trazidos para a análise teórica através da virada historiográfica dos anos 1960. Mas a grande habilidade do autor consiste na capacidade de explicar algo tão abstrato, que é a passagem do tempo e a percepção deste pelos historiadores, por meio de metáforas.

Na introdução, *O polder e a história-mundo*, o historiador afirma que os estudiosos do tempo presente vivem o desafio de lidar com momentos próximos a eles, e que portanto são confrontados por “jogos de escalas cronológicas”. No entanto, é a partir do capítulo seguinte que o título introdutório se torna mais compreensível, pois é quando o autor efetivamente explica sua metáfora e estende a discussão.

Já na parte seguinte, intitulada *Reflexões sobre a história e a historiografia do século XX francês*, Sirinelli explica o estabelecimento da legitimidade da história cultural nos anos 1980 e 1990, bem como sua preocupação com as “operações de apreensão do real” pelos sujeitos agentes e pensantes da história. Segundo o autor, a história cultural permite aos estudiosos uma melhor abordagem da complexidade das realidades humanas, realidades essas apreendidas de múltiplas formas pelos sujeitos. Sirinelli coloca-se contrário à análises que prendem os processos históricos no que ele chama de “bastilhas historiográficas”, afirmando que a história cultural é uma ferramenta que permite libertá-las dessa metafórica prisão teórica. Sendo assim,

A história política foi liberada da prisão das correlações socioeconômicas pesadas: em seu seio, a partir de então, o sujeito agente, ator da história, reencontrava sua parte de autonomia. Quanto à história cultural, que ajuda a apreender o sujeito pensante, ela voltava a dar a este uma parte de seu livre-arbítrio. (SIRINELLI, Jean-François, pg. 13)

Nesse sentido, o historiador defende uma extensão da análise para a socialização da política, indo além do estudo das instituições. O subtítulo do capítulo em questão, *A ágora e a Cidade* faz alusão a esse processo em que o historiador passa a contemplar a cultura enquanto como uma modalidade do social, perguntando-se, em suas análises, como um determinado regime político é percebido pelos indivíduos e pela coletividade, e de que forma se dão os processos de legitimidade para além

do estabelecimento da legalidade. Em resumo, como a Cidade entende a ágora e como se estabelecem a relação entre essas duas esferas.

Mas como, afinal, o termo pôlder<sup>3</sup> está relacionado com a história e a historiografia? Essa metáfora proposta por Sirinelli certamente é um estímulo interessantíssimo aos estudiosos da Teoria da História. Segundo o autor, ocorrem escoamentos e decantações históricas, da mesma forma que ocorrem escoamentos e decantações no sistema de um pôlder. Seguindo essa lógica, existe uma escala móvel de tempo em que a história está anexada.

Seu ecúmeno se estende a novas praias formadas pelo escoamento do tempo à medida que ele se retrai rumo ao montante, onde as zonas mais “antigas” entram pouco a pouco no lote comum dos períodos em que o testemunho oral diretamente recolhido deixa de ser uma fonte importante, cessando mesmo de ser potencialmente captável pelo historiador. (SIRINELLI, Jean-François, pg. 24)

É por esse constante escoamento do tempo nessa escala móvel que os historiadores não podem definir e delimitar o que é o dito tempo presente, visto que nem sempre será presente e que o futuro se tornará presente mais tarde. Além disso, o autor explica que as diferentes gerações de historiadores vão estabelecer diferentes relações com o seu tempo presente, em decorrência da relação entre história e memória. Pensar em todos esses termos torna a história e a historiografia mais complexa, que é o grande objetivo do autor em seus trabalhos: evitar reduções.

A metáfora do pôlder, para além de facilitar a compreensão acerca do escoamento do tempo e da existência de uma escala móvel, permite que o autor melhor explique a apreensão do Tempo Presente para os historiadores franceses. Segundo o autor, o ponto de inflexão, ou melhor dizendo, a linha divisora de águas na escala móvel da França é a década de 1960. Diferentemente do que costumava-se pensar, é a década de 1960 e não o fim da Segunda Guerra Mundial que coloca a França, segundo Sirinelli, num processo de metamorfose.

A metamorfose é explanada pelo francês nos capítulos que se seguem. Explica o clima provocador da década de 1960 e a dificuldade que causa aos historiadores culturais, aponta o maio de 1968 como um momento em que as instituições foram colocadas à prova, cita a crise econômica e de confiança da Quinta República francesa na década de 1970, após trinta

---

<sup>3</sup> **Pôlder** é uma porção de terreno conquistada ao mar, lago ou pântano por meio da construção de diques, no interior do país ou em área próxima ao litoral.

prósperos anos, coloca o reconhecimento da economia de mercado no início dos anos 1980 e uma erosão política ao longo desses anos. Coloca em evidência o que ele chama de os *Vinte Decisivos*, que seriam os vinte anos compreendidos entre 1965 e 1985 e, dentre muitos fatos relevantes compreendidos nesse período, destaca o surgimento da cultura audiovisual de massa.

É importante destacar a análise feita pelo autor num dos subtítulos, *Jogos de Escala*. De acordo com Sirinelli, determinados acontecimentos acabam por colocar a história francesa em novas fases, delimitam novos perímetros na vida da Cidade e causam mudanças na escala. A partir dos anos 1980, esses jogos de escala ganham maior amplitude na medida em que a globalização e a cultura-mundo, ou a cultura de massa, causam efeitos nacionais na sociedade francesa. O autor relata que, através da cultura de massa, a ágora passa a ter representação política em novos meios midiáticos, gerando novas percepções por parte da Cidade.

O processo metamórfico sofrido pela França a partir da década de 1960 é constantemente relacionada pelo autor com a história cultural do político. Fazer a história francesa do século XX, para o historiador, exige colocar em perspectiva os três elementos: ágora, Cidade e mundo. O estudioso defende que, em princípio, o elemento representado pela ágora parece ser estático, no entanto, sofre alterações na medida em que os outros dois elementos se modificam.

Tratando em termos de escalas espaciais e temporais, Sirinelli constitui a história cultural do político do século XX francês tecendo uma narrativa repleta de complexidades, mas que em nenhum momento estão desconexas. Toda afirmação contida na obra complementa outra afirmação, de modo que a argumentação do autor não deixa pontas soltas. O livro, para além de seu excelente conteúdo, é um bom exemplo de obra estruturalmente coerente e que conduz os leitores e leitoras a um melhor entendimento de processos tão sofisticados relativos ao tempo e à política.

Muito embora reconheça que abordar uma história cultural temporalmente próxima coloca desafios científicos aos historiadores, Sirinelli é categórico ao defender que tal abordagem é intelectualmente necessária. Admite ainda que uma abertura da história política torna difícil o trabalho do pesquisador, em decorrência das consciências individuais e coletivas repletas de subjetividades.

O recente trabalho de Jean-François Sirinelli é enriquecedor não apenas para os estudiosos da história francesa, mas para todos os historiadores e historiadoras do Tempo Presente que seguem a vertente da

histórica cultural. Sirinelli demonstra muito competidamente a possibilidade de estudar processos políticos com abordagens da história cultural e muito contribui para a discussão teórica e metodológica do tema.

Sirinelli muito convenientemente introduziu uma citação de Paul Valéry<sup>4</sup> antes mesmo da apresentação do sumário, em que ele afirma que a história pode nos ajudar a ver melhor. Só tenho a concordar com o filósofo, pois a história, nesse caso escrita por Sirinelli, aprofunda a visão acerca da história francesa do século passado.

---

<sup>4</sup> Ambroise-Paul-Toussaint-Jules Valéry (Sète, 30 de outubro de 1871 — Paris, 20 de julho de 1945) foi um filósofo, escritor e poeta francês da escola simbolista.